

A CULTURA SURDA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA POR ALUNOS SURDOS

Vanessa Mutti de Carvalho Miranda (UESB)
vanessamutti@terra.com.br

Lucas Santos Campos (UESB/UFBA)
lusanpos@gmail.com e lucassc@ufba.br

1. Introdução

O estudo foi motivado, por um lado, pelas queixas e dúvidas de professores, que não se sentem preparados para orientar alunos surdos no processo de aquisição das habilidades de codificação e decodificação da língua portuguesa na modalidade escrita e, por outro lado, pela insatisfação dos alunos surdos, que não se sentem amparados pelas metodologias até então desenvolvidas no espaço escolar para esse fim. Nessa realidade, o ensino de língua portuguesa, para o sujeito surdo, ao invés de funcionar como um instrumento facilitador na mediação do conhecimento e como um meio para sua inserção no bojo da sociedade, configura-se como um obstáculo encontrado por esses sujeitos na sua caminhada escolar, educacional, profissional e social.

Assim sendo, nosso objetivo é o de desenvolvermos um recurso didático-pedagógico que possibilite ao surdo o domínio dessas habilidades, o que pode lhe garantir uma ampla inserção social. Para tanto, partimos do pressuposto de que o ouvinte compreende a escrita como aporte da fala disso resulta que, através da audição, lhe é possível codificar e decodificar os signos escritos. O que não é possível ao surdo. Desse modo, se faz mister listarmos especificidades culturais que possam favorecer a compreensão do português escrito pelo surdo, possibilitando-lhe codificar e decodificar textos. Acreditamos que, de posse dessa lista, será possível investir nos potenciais e especificidades que mais possam colaborar com o objetivo aqui proposto.

2. Cultura, língua(gem), identidade e interação

Do ponto de vista etimológico, *cultura* refere-se tanto ao cuidado dispensado à terra cultivada quanto ao trabalho de educar o homem para a vida. Em relação ao presente, pode-se afirmar que compreende o culti-

vo de estudos linguísticos e identitários de indivíduos. A cultura é um “modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas nações quanto concepções que temos de nós mesmos” (HALL 2006, p. 50).

Consideramos, como cultural, todos os padrões de significados incorporados ao longo da vida, nas formas simbólicas, desde as mais diversas manifestações religiosas, sociais, psíquicas, passando pelo cultivo de objetos e chegando às formas de língua(gem), verbalizadas ou sinalizadas em torno das quais os indivíduos se comunicam entre si e compartilham suas crenças, valores, significados e experiências.

Partindo dessa ótica, podemos compreender cultura como um processo de desenvolvimento histórico-social, que se dá por meio da construção de uma língua(gem) e identidades próprias em um determinado espaço, por determinado período, dentro de um grupo de indivíduos que interagem entre si. Em outras palavras, admitimos que os sujeitos que partilham de uma mesma cultura, geralmente compartilham uma língua que lhes permite interagir, compreenderem-se um ao outro e ao mundo que lhes cerca. Do ângulo interacionista, com base em Vygotsky *apud* La Taille (1992, p. 23), podemos afirmar que o funcionamento psicológico se constitui na relação com o outro, e, conseqüentemente, a cultura se revela como parte desta natureza humana historicamente constituída.

Tomando a palavra como a unidade elementar da interação social, Bakhtin (*Apud* SOUZA, 1994, p. 98) destaca que seu valor significativo é a chave para compreender a unidade dialética entre pensamento e linguagem e a conseqüente constituição da consciência, da subjetividade e da identidade. Assim, as palavras, que são códigos essenciais de uma língua, devem ter significado comum para emissor e receptor. No caso da libras, os sinais, elementos que correspondem às palavras do universo do ouvinte, constituídos historicamente, com valor semântico reconhecido e partilhado pelo povo surdo, são os elementos que exercem esse papel.

O que ocorre na prática é que o surdo, no seu dia a dia precisa interagir no universo do ouvinte, na vida escolar, no trabalho e no meio social. Para isso, ele precisa, pelo menos, dominar os códigos da língua portuguesa escrita, já que esse universo além de verbal, é essencialmente grafocêntrico. Em busca de facilitar essa interação é que nos propomos, através da mediação intercultural, proporcionar ao indivíduo surdo o aprendizado da língua portuguesa escrita. Para isso, é fundamental considerarmos a cultura surda nesse processo.

3. A cultura surda

O surdo desenvolve especialmente a percepção visual-espacial na interação e comunicação com o mundo e com o outro, seja este surdo ou ouvinte. Através da experiência visual e da comunicação visual-espacial, ele estabelece suas vivências de forma rica e profunda. Strobel (2008, p. 24) compreende a cultura surda como:

O jeito [próprio] de o surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo.

A autora assevera que as comunidades surdas constituem um único povo, independente do desenvolvimento linguístico e/ou outros laços de cultura, pois compartilham da experiência visual. A partir desse ponto de vista, ela enumera oito “artefatos” que marcam a cultura do povo surdo, nomeadamente: a experiência visual, a literatura surda, o aparato linguístico, a história familiar, as artes visuais, a causa política, a vida social e esportiva. São características próprias que revelam a forma como esse povo se constitui. Para um melhor entendimento, a seguir, tecemos breves considerações acerca de cada um desses artefatos.

A *experiência visual* constitui os surdos como indivíduos que percebem o mundo através dos olhos. A percepção visual permite ao surdo se reconhecer enquanto usuário do canal visual na comunicação com o outro e na leitura e significação de mundo. A filosofia bilíngue reconhece a capacidade visual do surdo como um fator que o diferencia da maioria das pessoas. Nesse novo paradigma, a diferença linguística e o aparato visual proporcionam edificação de identidades e culturas próprias.

A *literatura surda* apresenta-se como produção do povo surdo, marca o reconhecimento da cultura surda, enquanto minoria dotada de um arcabouço cultural rico e diverso, representado em personagens surdas que dialogam e significam suas experiências a partir das línguas de sinais e de todo aparato visual. Nesse particular, Karnopp (2006, p. 10) ressalta que a literatura surda representa a edificação da história do povo surdo enquanto construtor do próprio imaginário, uma vez que:

Nas histórias analisadas, os autores buscam, enfim, o caminho da autorrepresentação do grupo de surdos na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, através da legitimidade de sua língua, de suas formas de narrar as histórias, de suas formas de existência, de suas formas de

ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem.

O aparato linguístico é representado pela língua de sinais brasileira e pela linguagem facial e corporal, forma como basicamente esses sujeitos se comunicam e manifestam sua cultura. Apesar de ser difundida e utilizada entre os surdos brasileiros desde o Brasil colonial, a LIBRAS foi reconhecida oficialmente no país em 2002, através da Lei 10.436.

A história familiar refere-se ao nascimento de crianças surdas em lares de ouvintes e crianças ouvintes em lares de surdos. Testemunhos como os de Vilhalva (2001), Strobel (2008), Perlin (1998) aponta como negativo o fato de, terem sido considerados como não ouvintes, e, assim, terem sido submetidos, durante a infância, a tratamentos para desenvolverem a fala.

As artes visuais o desenho, a pintura, o teatro entre outras são também formas de expressão da cultura surda. Como toda forma de arte, essas manifestações estimulam a linguagem, o cultivo das virtudes e o potencial cognitivo, além da possibilidade de registrar e perpetuar a história desse povo.

A causa política é revelada na luta por melhores condições de vida. Por se tratar de uma das minorias no bojo da sociedade, a comunidade surda luta por conquistas sociais e políticas que lhe garantam reconhecimento e espaço na sociedade. Conquistas como o reconhecimento da língua de sinais brasileira, o direito a interprete nas salas de aula, luta por escolas bilíngues, por tradução *on-line* em canais de televisão, *clouse caption* (legenda na televisão) e muitos outros direitos.

A vida social e esportiva revelam características e padrões de comportamento desenvolvidos ao longo das gerações, como os casamentos endógamos, os laços de amizade em grupamentos surdos, a rotina em associações, em igrejas, nas escolas, os campeonatos esportivos entre times surdos, o concurso da miss surda, a comunicação e amizades firmadas nas redes sociais entre outros.

4. *A cultura surda no processo de aprendizagem da língua portuguesa escrita por alunos surdos*

Como já referenciado anteriormente, nosso objetivo é o de desenvolver um recurso didático-metodológico para o ensino da língua portuguesa escrita que contemple as peculiaridades da cultura surda.

Atentos ao questionamento de Strobel (2008, p. 11), acerca de trabalhos realizados por ouvintes, sem sequer conhecer ou partilhar a cultura surda, salientamos que, neste estudo, o surdo terá o papel de sujeito atuante e norteador, não unicamente o de objeto ou informante da pesquisa.

Nessa direção, já demos o seguinte passo: convidamos 04 pessoas surdas. Explicamos o papel delas neste trabalho. Vale salientar que todas consideraram muito relevante e muito importante essa participação, pois ninguém como o próprio surdo para falar da sua realidade e indicar suas necessidades.

Realizamos uma primeira entrevista com quatro surdos. Partimos das seguintes questões:

- Como o surdo compreende o texto escrito em língua portuguesa. Em outras palavras, que mecanismo/recurso mental, cognitivo (imaginário) o surdo aciona/mobiliza para decodificar o português escrito?
- Como o surdo escreve em língua portuguesa, ou seja, que mecanismo/recurso mental, cognitivo (imaginário) o surdo aciona/mobiliza para codificar em português escrito?

As perguntas, em libras, foram feitas a cada um de *per si*, sem que um tomasse conhecimento da resposta do outro. De posse de tais respostas, buscamos associar elementos cognitivos a formas de manifestação cultural em busca de identificar um recurso didático-metodológico que possibilite a apropriação da habilidade de leitura e escrita em português, ou seja, descobrindo a que o surdo associa o código escrito, que pode ser letra, sílaba, palavra ou até mesmo frase (elementos que chamamos de símbolo), desenvolveremos atividades mais ou menos como as especificadas a seguir:

Na experiência visual, poderemos buscar objetos, representações significados e realidades do seu universo que estejam envolvidos com determinados símbolos e representá-los lado a lado de modo que o símbolo correspondente da língua portuguesa possa ser abstraído.

No universo da literatura surda podemos partir de ícones da literatura que carregam significados e representações dessa cultura e que permite a partir deles extrair outros tantos significados e conteúdos. Como por exemplo, a personagem do livro *Cinderela Surda*, adaptado por Hessel, Rosa e Karnopp (2003). Trata-se da história de uma menina surda

que retrata o universo surdo, mas também infanto-juvenil, podemos levar o estudante a grafar, ou seja, treiná-lo a escrever itens do vocabulário referentes a sentimentos, à família, vestuários, cores, entre outros presentes na obra.

No campo da história familiar, poderemos apresentar elementos do universo da família, como *pai, mãe, padrasto, madrasta, tio, tia, primo, prima, irmão, irmã entre outros* para serem explorados.

As artes visuais representam um poderoso aporte da cultura surda, por ser uma forma de representação e manifestação de ideias e emoções, além de se tratar de um legado, proporcionado pelo potencial e acuidade visual tão peculiar ao surdo. Desse campo, podemos explorar expressões ligadas às diversas modalidades artísticas: desenho, pintura, fotografia, teatro e outras, a exemplo de palavras como: *linha, reta, pincel, nome das cores, técnicas, artistas entre outros*.

No campo da política, além de representar possíveis vieses identitários, podemos utilizar vocábulos que estão presentes no cotidiano dos alunos, como: *prefeito, deputado federal, deputado estadual, senador, presidente, leis, códigos, direitos e deveres*.

Os elementos da vida social e esportiva trazem excelentes representações e desdobramentos, pois são comportamentos e habilidades adquiridas através do contato entre seus pares, dessa forma é possível extrair muitos símbolos. As redes sociais, por exemplo, além de demonstrarem a capacidade de letramento desses sujeitos revelam as experiências e o contato com a língua escrita, por isso podem ser muito utilizadas no intuito de apresentar e significar novos vocábulos.

A intenção é, na abordagem desses campos, observar a que o surdo associa cada significado ou conceito. A partir disso, lhes apresentamos o símbolo (Estamos aqui chamando de símbolo a palavra ou frase grafada em língua portuguesa, ou seja, o significante). Por exemplo, falamos com os quatro surdos sobre o conceito de *massa*, incluindo os diversos tipos desse elemento, mas com a conceituação voltada para a noção mais genérica. Cada um elaborou um desenho representando esse conceito. Então lhes apresentamos a forma gráfica "massa", em diversos tipos de letra. A etapa seguinte foi a de lhes apresentar textos em que aparece a palavra "massa". Cada vez que eles viram essa palavra, a identificavam e faziam o registro dessa identificação grifando-a.

O que está aqui apresentado é um exemplo de uma fase inicial do recurso didático metodológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PERLIN, Gládis T. T. Identidades surdas. In Skliar, Carlos (Org.) *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MACHADO, Paulo. *A política nacional de integração/inclusão: um olhar do egresso surdo*. Florianópolis: UFSC, 2008.

VILHALVA, Shirley, “Por uma pedagogia surda”. Disponível em: <<http://www.tvregional.com.br> acessado em 08/06/2004>.

_____. *Recortes de uma vida: descobrindo o amanhã*. Campo Grande: Gráfica e Papelaria Brasília, 2001.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura surda. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun. 2006.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

BOTELHO, P. *Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FERNANDES, E. *Problemas linguísticos e cognitivos do surdo*. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

_____. Letramento na educação bilíngue para surdos. In: BERBERIAN, A. P.; ANGELIS, C. C. M. de; MASSI, G. (Orgs.). *Letramento, referências em saúde e educação*. São Paulo: Plexus, 2006, p. 117-144.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. Linguagem, surdez e educação. *Caderno CEDES*, Vol. 19, n. 46. Campinas: Autores Associados, 1996.

GUARINELLO, A. C. *O papel do outro na escrita dos sujeitos surdos*. São Paulo: Plexus, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

HANKS, Willian F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtim*. São Paulo: Cortez, 2008.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. 6. ed. São Paulo: Summus, 1992.

DEMO, Pedro. *Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos*. Campinas: Papirus, 2001.

QUADROS, Ronice M. de. Proposituras para a educação de surdos em Santa Catarina: uma leitura em construção. *Fórum em Defesa dos Direitos dos Surdos*, de 22/11/2000. Disponível em: <<http://www.virtual.udesc.br>>. Acesso em: 18/05/2011.

SILVEIRA, Carolina Hessel; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. *Cinderela surda*. Canoas: Ulbra, 2003.

SOUZA, S. J. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas: Papirus, 1994.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: UFSC, 2008.